

507
P. 167 205
113
(39)

No breve volume que publicou clandestinamente durante os anos da opressão, Jean Guhenno fala-nos, com generosa revolta, daqueles "ladroes de almas", que pretenderam forjar uma França à sua triste imagem — à imagem dos seus rancores, dos seus ressentimentos, das suas pequeninas e torpes vinganças — para implanta-la no coração de um povo intimamente ligre. Nós que também pudemos conhecer ^{alguns} desses pobres organizadores do silêncio, empenhados em fazer urrer, sob palavra, na ^{fraudulência} ~~grandeza incomparável~~ ^{façanhas} das suas ~~atitudes~~, não podemos deixar de escutar com respeito a voz de quem nunca deixou de dizer aos poderosos, mesmo enquanto poderosos, a verdade justa, que ~~estes não queriam ou não podiam~~ ^{justamente de} ouvir.

Essa voz tem o acento fremente das mensagens proféticas, porque mergulha suas raízes naquela misteriosa região da alma onde o humano participa do divino. É a mesma voz, ain mais apurada agora pela ^{luta} ~~revolta~~ e pelo sacrifício, que já nos tínhamos acostumado a escutar, cheia de corajosa lucidez nas páginas de Caliban Parle, compreensiva no ^{magnífico} ~~retrato~~ de Michelet, e ternamente evocativa nas memórias de um homem de quarenta a-nos.

Ela não tem, em verdade, fronteiras nacionais, não quer mesmo ser nacional nesse sentido vulgar em que ^{a palavra} ~~nação~~ é simples aumentativo de seita ou de paróquia. ^{Pois não} ~~nação~~ pode ser simplesmente

ou rectoria
apenas paroquial uma voz que é acima de tudo humana. E se aconte-
ce que também é uma voz francesa, estejamos *convictos* ~~certos~~ de que não
pertence a essa França estreitamente nacionalista e recolhida so-
bre si mesma, que tentaram fabricar os heróis da derrocada, mas
à outra, a grande, a verdadeira França, que é a segunda pátria
dos homens do mundo inteiro.

Nunca me seria possível exprimir melhor o sentido do es-
forço de Guehenno de que reproduzindo suas mesmas palavras, de-
dicadas à glória dos soldados da resistência: "Eles levaram con-
sigo a mais alta ideia da França. Como reconcilia-los, porém,
com tudo quanto deixaram atraz de si, com a miséria e até com a
vergonha, com esse sofrimento e esse rebaixamento que fazem es-
tremecer os corações? Rapazes, a liberdade é ainda mais difi-
cil. Ela não significa apenas esta embriaguez, este desapego,
mas um compromisso solenemente assumido. É preciso que a alma
arraste consigo, para salva-lo consigo, o corpo dorido e macula-
do. "Fora da lei"? Que esta palavra não vos confunda. Pen-
sai, antes, que sois a própria lei, lei que não foi escrita, e
que, não estando impressa, desconhece os erros de impressão; lei
que nenhum indivíduo, por mais solerte e poderoso, poderá chamar
a si; que paira acima dos decretos transitórios e acima dos aca-
sos da História; lei que não se pode interpretar, mas se impõe
como uma evidencia, e que um povo não transgride — ainda quan-
do o atraíam aqueles que pretendem falar em seu nome —, e não
pode transgredir, porque não pode renunciar a existir e porque na

da é possível contra sua existência. Vós representais a ~~pr~~
~~que~~ lei da França, enquanto os traidores a deixam sem lei".

Tais palavras, pronunciadas por um espírito livre da
França, devem ser singularmente gratas aos espíritos livres do
Brasil. Ha menos de um ano, reunidos no seu grande congresso
de São Paulo, escritores brasileiros enunciavam alguns princí-
pios ^{honestos} ~~claros~~ e simples, que coincidiam em ^{numerosos pontos} ~~muitos pontos~~ com as
^{certas} ideias defendidas pelos franceses da Resistência. Não faltou,
no momento, quem visse na manifestação desses princípios uma la
timável audácia, um desabafo turbulento, cuja publicidade devo-
ria ser evitada a qualquer preço. Hoje ~~de~~ sabemos que eles
não foram enunciados em vão.

É por isso que, falando em nome da Associação Brasi-
leira de Escritores, promotora daquele Congresso, não posso dei-
xar de ^{testemunhar} ~~expressar~~ aqui nossa compreensão afetuosas a Jean Guhenno,
que vai falar agora sobre Literatura Clandestina e Literatura de
Amanhã.